



*José Régio*

OBRA COMPLETA

TEATRO

I

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

OS AUTORES  
PORTUGUESES

*Título:* Teatro  
Vol. I

*Autor:* José Régio

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Branca Vilallonga  
(Departamento Editorial da INCM)

*Capa:* reprodução de desenhos de José Régio

*Revisão do texto:* Levi Condinho

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Novembro de 2005

*ISBN:* 972-27-1355-8

*Depósito legal:* 225 680/05

José Régio

# TEATRO

## I

Prefácio de ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

Aparato crítico dos textos inéditos  
de PAULA ESTRÊLA LOPES MENDES

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2005

## SONHO DUMA VÉSPERA DE EXAME

### SONHO DUMA VÉSPERA DE EXAME

FANTASIA EM 1 ACTO

X — (Entrando, com um livro na mão) — O que é isto? Onde está o doutor?

LEI — (Entrando) — O doutor está aqui.

X — A que horas, doutor? Não se esqueça de vir a tempo para o exame. Não se esqueça de vir a tempo para o exame. Não se esqueça de vir a tempo para o exame.

LEI — (Entrando) — De seguida a qualquer hora. Não se esqueça de vir a tempo para o exame.

X — (Entrando) — Não se esqueça de vir a tempo para o exame.

LEI — (Entrando) — Não se esqueça de vir a tempo para o exame.

X — (Entrando) — Não se esqueça de vir a tempo para o exame. Não se esqueça de vir a tempo para o exame. Não se esqueça de vir a tempo para o exame.

*SONHO DUMA VÉSPERA DE EXAME*

1.<sup>a</sup> edição: Casa de José Régio, Vila do Conde, 1989.

2.<sup>a</sup> edição: a actual.



## SONHO DUMA VÉSPERA DE EXAME

*(A cena representa uma sala de estar ou quarto de trabalho. Cenário modesto, mas de bom gosto. Poucos móveis, e portáteis: Excepto a mesa, é preciso que desapareçam rapidamente à primeira transmutação de cena. A mesa está à direita do público, posta um pouco de través, coberta por um pano que desce quase até ao chão. X está sentado a esta mesa, de frente para o público, e estuda. Aparenta 11 anos.)*

LUIZ *(entra pela esquerda. É um rapaz dos seus 16 anos. Veste capa e batina)* — Olá, X! Então? como vamos nós de cólicas?

X (JOÃO) *(levanta-se, espreguiça-se ligeiramente)* — Eh...! Já me doem as pernas de estudar!

LUIZ — Era mais natural que te doesse a cabeça.

X — A cabeça, também. Mas as pernas..., é de estar tanto tempo sentado! Tenho estudado todo o dia. *(Silêncio breve.)* Luiz, o teu nome escreve-se com um s, ou com um z?

LUIZ — É conforme. De tempos a tempos, varia. Actualmente, escreve-se com z.

X — Com z, não leva acento, pois não?

LUIZ — Não. Mas a que propósito?...

X — É por causa dum trecho que vem no livro. Fala dum soldado que se chamava Luiz de Camões, e era zarolho. Nadava tão bem que atravessou o mar com um livro na mão..., e uma coroa na cabeça...

LUIZ — Não digas tolices, X. Quando te expliquei esse trecho, disse-te que Luiz de Camões era o maior poeta português. Até te contei algumas cousas do livro que ele escreveu, e que é dos maiores do mundo...

X — Ena...! o que há-de ter de folhas! E olha que nadar com esse peso na mão...!

LUIZ (*severamente*) — Menino João Manuel Malafaia de Bastos! continua a dizer idiotices?

X — Quê?... disse mal?

LUIZ (*com solenidade*) — Os *Lusíadas* são uma das maiores epopeias da humanidade; mas não é por causa do número de páginas! E o menino, se continua a dizer das suas, merece fazer amanhã um péssimo exame e ficar reprovado...

X — Sim..., os *Lusíadas*! O livro também fala nisso. Até vêm lá uns versos da primeira parte, que são muito esquisitos... Mas a mim, o que me dana, é nunca saber escrever o nome desse senhor poeta das epopeias da humanidade... (*silêncio breve*) já tenho pensado algumas vezes... Por que é que se inventou a ortografia?

LUIZ — A ortografia?! por que se inventou a ortografia?! É boa! Por que se inventou a ortografia! Devia de ser bonito, se cada um escrevesse como lhe apetecesse...!

X — Ao menos, não se podia ter inventado uma ortografia sem acentos? Os acentos é que estragam tudo! Um pouco põe-se acento, outro pouco não; uma vez para a direita, outra vez para a esquerda. Nunca a gente pode ter a certeza de que uma palavra se escreve como devia ser...

LUIZ (*ironicamente*) — Sim?... O menino sabe como se deve escrever cada palavra?

X — Ora!... Devia-se escrever como a gente a diz! (*Continuando com vivacidade.*) E a pontuação? Para que é tanta pontua-



ção? Vá lá o ponto final, para a gente poder respirar! Ou o ponto de interrogação, para se fazer perguntas. Mas agora o ponto e vírgula, as reticências, os tracinhos... São esquisitices que só servem para a gente perder a cabeça! E olha que a aritmética também tem muitas cousas escusadas! Isso é que tem! E a história, e a botânica...

LUIZ — Ora, ora, ora!... O menino está revoltado! Tanto leu hoje, que tresleu. (*Bate duas pancadinhas paternais no ombro de X.*) Queres um conselho? Vai-te deitar, e dorme bem. Deixa o estudo por hoje. Amanhã, acordarás com outras ideias...

X (*tristemente*) — Deitar-me? Também eu queria! Vou estudar até vir a mãezinha...

LUIZ — Pois então, boa noite! Não posso demorar-me. Amanhã de manhã virei buscar-te. Ainda tenho de escrever hoje um artigo sobre os benefícios da ciência..., e tu aqui a dizeres cousas dessas!

X — Ah, se a ciência não custasse tanto!... (*Segurando Luiz, que faz menção de se retirar.*) E se eu fico reprovado?... Parece-te que devo ficar reprovado?

LUIZ — Parece-me que não deves ficar. Não tenhas pesadelos... e coragem! Até amanhã! (*Sai por onde entrou.*)

(*De mãos nos bolsos e cabeça baixa, X passeia um pouco à largura da cena. Acaba por novamente se ir sentar à mesa. Espreguiça-se, passa as mãos pela cabeça, boceja... Apanha a cabeça nas mãos e estuda. Silêncio e imobilidade de alguns segundos. Boceja de novo, os braços caem-lhe sobre a mesa. Cabeceia duas ou três vezes, enquanto faz nova tentativa de estudo, até que a cabeça se lhe pousa sobre o braço. Logo que X deita a cabeça no braço, retine uma violenta pancada de metais e apagam-se as luzes. Um bombo rufa enquanto as luzes estiverem apagadas. As luzes reacendem-se sobre um cenário que representa uma espécie de cave, com um arco ao fundo abrindo para a curva dum corredor. Na parede deste corredor, uma fresta esguia e alta com um varão de ferro ao meio. A mesa de estudo de X continua no*



mesmo sítio. Nenhum outro móvel. X está a meio da cena, de costas para o público, em atitude de espanto e medo. Logo que as luzes se acendam, a orquestra ataca uma espécie de marcha herói-cómica. Todos os movimentos, gestos e passos dos figurantes devem ser executados ao ritmo desta marcha, de modo que a cena muda que segue representa uma espécie de bailado rudimentar. Três Personagens aparecem ao fundo, vestidos com o hábito e capuz dos inquisidores, mas em vermelho. Vêm precedidos dum Servente, vestido à laia de pajem, e que traz nas mãos estendidas um grande livro, com uma campainha em cima. X recua até à boca de cena, sempre de costas para o público, enquanto os Três Personagens avançam sobre ele ao ritmo da marcha. O Servente desvia-se para a mesa, deixa aí o livro e a campainha, vai postar-se à entrada do arco. Em estando muito perto de X, os Três Personagens param. Uns segundos de imobilidade. X, de repente, precipita-se para o fundo. Dois dos personagens em vermelho — o da direita e o da esquerda — correm imediatamente sobre ele, enquanto o servente se lhe põe diante. Os dois agarram-no cada um por seu braço, trazem-no assim no ar, com as pernas encolhidas e de costas para o público, até à boca de cena. Largam-no, e deixam-no de joelhos no chão, todo encolhido. Sempre ao ritmo da marcha dirigem-se então para a mesa; ficam de pé por trás dela. Estes Três Personagens, bem como o Servente, devem ser de estatura bastante superior à de X, fazendo dele a diferença que fazem homens altos duma criança de 11 anos. O Personagem do Meio, que deve ser o mais alto, levanta o braço agitando a campainha, e a música cessa. Este personagem do centro ficará sendo designado pela letra C, o da direita pela letra D, o da esquerda pela letra E.)

C — João Manuel Malafaia de Bastos! (X agita-se, mas não responde. Um silêncio. C repete em voz de trovão:) João Manuel Malafaia de Bastos!

X (levanta-se atrapalhadamente, compõe-se, perfila-se, responde com voz trémula) — Presente!

C — Sabe quem somos?

X — Sei, sim senhor! Os senhores são uns senhores que estão numa estampa dum livro do paizinho, e que castigavam as